

... a influência africana na linguagem do Povo Brasileiro, cujo léxico tem de acolher centenas de vocabulos africanos, originarios ou derivados, ao lado dos nossos milhares de "americanismos" e "brasileirismos", já definitivamente incorporados á Lingua Portuguesa aqui falada por 45 milhões de Sul-americanos, que habitam a maior nação latina deste Continente. Estudando os termos locais africanos, occurrentes em territorio do seo Estado natal, e bem assim colleccionando farta mèsse de "africanismos", mais de centena e meia de palavras por elle encontradas no "Vocabulario Afro-Sul-Rio Grandense", revela o jovem ensaista brasileiro operosidade invulgar, profunda erudição e competencia philologica para versar o assumpto, que lhe merece tão carinhosa attenção.

Lí de um folego o seo livro, que deleita e instrue. Em posterior edição, a que certamente trará maiores achegas e polimento do material accumulado, em suas progressivas investigações acerca dos nossos "africanismos", estou certo de que o talentoso gaúcho imprimirá ao seo já notavel trabalho mais acurada selecção dos vocabulos e vozes de perfeita origem africana. Assim, em ligeiro reparo dos "africanismos" (161, contei-os) colleccionados por De Laytano, penso que deveriam ser póstos de "quarentena", para mais detido estudo e exame, os seguintes: — Bombear, Cangica, Cangerana, Carumbé, Carurú, Catinga, Chila, Chimbé, Gambá, Guaimbé, Lenga-Lenga,

## IV

#### D) Ainda sobre africanismos occurrentes na linguagem popular brasileira

O apparecimento recente de um interessante e bem elaborado livro, que me vem do Rio Grande do Sul e com este titulo suggestivo: — "Os africanismos do dialecto gaúcho" —, me fez conhecer mais um brilhante espirito da geração intellectual sulina. O Dr. Dante De Laytano é o autor dessa notavel contribuição, para por ella se ir avaliando a riqueza do veio tão pouco explorado até agora, entre nós: — a influencia africana na linguagem do Povo Brasileiro, cujo léxico tem de acolher centenas de vocabulos africanos, originarios ou derivados, ao lado dos nossos milhares de "americanismos" e "brasileirismos", já definitivamente incorporados á Lingua Portuguesa aqui falada por 45 milhões de Sul-americanos, que habitam a maior nação latina deste Continente. Estudando os termos locais africanos, occurrentes em territorio do seo Estado natal, e bem assim colleccionando farta mèsse de "africanismos", mais de centena e meia de palavras por elle encontradas no "Vocabulario Afro-Sul-Rio Grandense", revela o jovem ensaista brasileiro operosidade invulgar, profunda erudição e competencia philologica para versar o assumpto, que lhe merece tão carinhosa attenção.

Lí de um folego o seo livro, que deleita e instrue. Em posterior edição, a que certamente trará maiores achegas e polimento do material accumulado, em suas progressivas investigações acerca dos nossos "africanismos", estou certo de que o talentoso gaúcho imprimirá ao seo já notavel trabalho mais acurada selecção dos vocabulos e vozes de perfeita origem africana. Assim, em ligeiro reparo dos "africanismos" (161, contei-os) colleccionados por De Laytano, penso que deveriam ser póstos de "quarentena", para mais detido estudo e exame, os seguintes: — Bombear, Cangica, Cangerana, Carumbé, Carurú, Catinga, Chila, Chimbé, Gambá, Guaimbé, Lenga-Lenga,



Macaco, Macúco, Manguá, Minhoca, Mocotó, Murundum, Papagaio, Pito, Samburá, Tambo, Tutú e Xafariz.

E a propósito, recorrendo a apontamentos de estudos nossos, diremos o que se nos offerece opportuno, em relação a cada um desses vocabulos (Vide Nota *in-fine*).

1 — *Bombear* — Verbo empregado, na linguagem brasileira, com o sentido de espriear o campo inimigo, sondar, espiar o movimento da hoste adversa. "Bombeiro", na linguagem luso-hispano-americana, tem, pois, o significado de "esculca", "espia", "espreitador", explorador do campo inimigo; e corresponde ao "pombeiro" dos sertões africanos de Angóla.

Não será um "americanismo" relacionado com "bamba" (alteração prosodica de "pampa") — o campo, a planície limpa, o terreno chato, em lingua *Kechua* (territorio bolivio-peruano)? "Campo bombeado" é o que foi previamente explorado, militarmente falando.

2 — *Cangerana* — Nunca foi africanismo. E' nome indigena brasilico, alterado do tupy *Cajarana*, o "falso Cajá" ou a planta da nossa flora (*Cabraleu-Cangerana*), muito semelhante ou parecida á *Cajazeira* legitima (*Spondias brasiliensis*).

3 — *Cangica* — Não obstante a opinião em contrario — (de Monsenhor Dalgado, sustentando tratar-se de um "orientalismo", relacionado com o termo cingalez ou indo-asiatico "canja", de onde "cangica" se teria derivado, e ambos introduzidos na lingua patria pelos navegadores lusos vindos da India; e dos grammaticos brasileiros Eduardo C. Pereira e Maximino Maciel, que dão "cangica" como "africanismo"): — é nosso parecer que o termo é brasilico-americano, pois resulta da expressão tupy *Acán-gíc* (o caroço ou o grão molle ou cozido), donde a outra expressão indigena "abati-cangic" (o "milho-cangica"); e, em Guarany, temos a expressão *Káng-ic* (sem osso ou sem cartilagem) e, por extensão de sentido: o que é molle ou pouco consistente. Os partidarios da origem africana (que seria antes asiatica), apégam-se aos termos áfricos — Angico e Cangico, nomes de duas arvores assim chamadas no Brasil.

Mas, além da clara etymologia tupy-guarany, acima apontada, se esquecem de que, como *Cangica*, temos outros termos indigenas da mesma desinencia: *Jicdia*, *Jicaru'*, *Mojica* ou *Mogica*, *Mugica* ou *Mujica*, etc.).

4 — *Carumbé* — Nome tambem indigena, designando, entre os Tupy, o macho do *Jabutí* e significando, textualmente — o "casco

achatado" desse *Chelonio* da nossa fauna; e, porque os garimpeiros usem, nos serviços de mineração, de uma pequena gamella parecida com a carapaça da tartaruga, daí veio o brasileirismo *Carumbé*, que é a alteração prosodica do legitimo termo tupy *Carumbé*.

5 — *Carurú* — E' outro indigenismo, de origem tupy (*Carurú*), herba alimenticia sylvestre e tambem cultivada em hortas, sendo a "folha grossa ou inchada", como planta mucilagínosa que é, havendo grande variedade: o carurú-bravo, selvagem ou do matto, o carurú-branco, o roxo, o vermelho, etc.

O nosso indianólogo Baptista Caetano de Almeida quer que o nome venha de *Carurú*, designando os tupy por esta expressão o prato ou iguaria de fôlhas ouervas comestíveis.

Na culinaria bahiana, influenciada pelas "quituteiras africanas" (negras da Costa), o Caruru' é um prato delicioso e composto comervas e muitos acepipes diversos.

6 — *Catinga* — Só é considerado "africanismo", quando significando — mau cheiro, fedôr, exalação desagradavel ao olfacto; mas, como brasileirismo geographico, é de origem indigena, vindo da expressão tupy *Cad-tinga*, para designar o "matto alvaco ou esbranquiçado" da vegetação caracteristica das nossas regiões secas, desde os sertões norte-mineiros e goyanos e através da bacia do São Francisco, até ao Nordeste brasileiro. E daí as expressões geographicas brasileiras: *atinga-alta*, *atinga-baixa*, *atinga-limpa*, *atingal-bravo*, *atinga-secca*, *atinga-suja*, etc.

7 — *Chila* — E' "americanismo" este nome, quando designa certa abóbora verde-rainada (a *Cucurbita Glycosyphleos*, da flora indigena Sul-americana e antilhana). E' propria para doce a Chila ou Xila, sendo tambem conhecida, vulgarmente, por *Gilacaióta* ou *Gilacayóta*; corresponde ao chamado "melão-do-Calabar", mas, é fructo indigena dos dois continentes americano e africano, pelo menos. A forma *Chila* está relacionada com tantos outros lidimos "americanismos" occurrentes no Brasil e paizes vizinhos sul-americanos, *verbi-gratia*: *Chilaia*, *Chilán*, *Chilápa*, *Chiloango*, etc.

8 — *Chimbé* — Indigenismo puro, sem mescla de origem africana, sempre empregado como alcunha tupy, corruptela prosodica de *Timbé* ou *Timbéva* (por vezes alterado de *tim-péba*, o "nariz achatado" ou "focinho achatado"); e ainda se usam, no extremo Norte do Brasil, as formas indigenas *Chimbéua* ou *Chimbéva*, com o mesmo significado.

9 — *Gambá* — Puro indigenismo, de origem tupy, e forma actual alterada da expressão *Guambá* — ("barriga ôca", "ventre



aberto"). Esse conhecido animal da nossa fauna, que acode ao nome de Gambá, ficou assim chamado por allusão ao sacco ventral em que esse marsupio (*Didelphys*) carrega os filhotes. Ao dito mamífero Gambá ainda se applicam dois outros nomes indigenas — Mucúra e Timbú, — havendo mais na fauna brasileira o Cangambá ou Jaraticáca (no Sul, é o "Zorrilho", que vem a ser a maritátaca do Norte, e para os naturalistas é o *Mephytis suffocans*), bello animalzinho que se defende projectando contra quem o persegue um liquido nauseante...

10 — *Guatmbé* — Tambem nome tupy, legitimo nome brasileiro e não podendo figurar entre os "africanismos", pois é forma indigena equivalente a *Imbé*, das nossas "lianas" ou *cipós*, sendo vulgarmente conhecido esse vegetal por *cipó-guatmbé* (em botanica, *Phllocladon*). O derivado *Guatmbétiba* equivale á mesma voz indigena *Imbétiba*. No guarany, é *guembé*.

11 — *Lénga-lénga* — Sem ser uma expressão originaria de puras vozes africanas, representa na linguagem brasileira uma corruptela prosodica do falar dos "negros da Costa", quando pronunciavam "em lingua dos brancos", fazendo de "lingua" as formas translata "léngua" e "lénga", duplicando esta ultima (lénga-lénga) para ficar exprimindo a narração monótona ou cantilena, falatório insipido. Occorre tambem, entre os *guaycurús* de Matto Grosso, a expressão duplicada, mas com differente accentuação prosodica: *lengoa-lengoa*, que se supõe indigena. Ha o hybridismo luso-guarany: *lengoará* ou *languará* (de "lingua" e *lára*, o que está senhor do idioma, o interprete).

12 — *Macáco* — A este brasileirismo, que designa o "macho da macaca", parece justo apontar-lhe a simultanea origem africo-americana, visto que para os Simios communs occorrem os nomes designativos: *macaca*, entre os indios Galibis da Guyana, ao Norte da Amazonia; e, na Africa Occidental, o nome congalez — *macáquo*, para o *Cebus libidinosus*.

A maioria, porém, das opiniões propende para sustentar a origem africana do vocabulo; e ao lado de macáco, que tantas vozes derivadas deixou na linguagem brasileira, outros "africanismos", designativos de animaes, enriquecem o nosso Vocabulario (anta, bugio, calango ou calangro, cachinguelê ou caxinguelê, candimba, chimpanzé, culca, gimbo, gorilla, môno, orango-tango, timbú, sinimbú, etc.

Dessa abundante mèsse de "africanismos" (vôzes africanas puras e derivadas), que opulentam o Lexico Brasileiro, já me occupel, em estudos anteriormente publicados, como se poderá ver do meo li-

vro "A Terra Mineira" (pags. 73-85, do 2.º tomo, na 2.ª edição de 1926-1927, Bello Horizonte, capitulo consagrado á raça preta: — "Os Negros. Elementos de origem africana e seus descendentes. O trafico dos africanos para as Minas: principaes elementos ethnicos da raça negra, entre nós"); e na série — "Toponymia Geographico-Brasileira" (in-"Revista da Lingua Portuguesa", Rio, fasciculo n. 20, de 1923; in-"Revista do Archivo Publico Mineiro", Bello Horizonte, anno de 1924, tomo XX, e anno 1928, tomo XXV; in-"Revista de Philologia e de Historia", Rio, tomo I, anno de 1931, e tomo II, anno de 1933; e na revista carioca "Brasiliana", em seus fasciculos dos annos de 1924 até 1928). Vide Nota final, neste artigo.

13 — *Macúco* — É a voz indigeno-brasilica, derivada da expressão tupy *ma-cú-cú*, pela qual o gentio da "lingua geral" designava esta ave gallinacea sylvestre, cujo papo está sempre cheio de grãos e fructinhos, que ella engole, com grande voracidade; e dahi a razão do nome selvagem dessa perdiz do matto ou gallinhóla da selva. O Macúco da nossa avifauna do Sul e Centro, ou nhambú-guassú (o *Tinamus brasillensis* ou *Tinamus solitarius*), tem na avifauna amazonica o similar conhecido por macúca e macúcaua (é o *Trachypelmus brasillensis*), caça appetitosa. Todos são nomes americanos e não africanos. Alguns tupinólogos, em vez de traduzirem *macuco* por ave "muito voraz", querem a interpretação ave "bôa de comer", pela sua apreciada carne, tão procurada pelos caçadores.

14 — *Manguá* — Duvidosa a sua origem africana e antes parece voz indigena derivada do *nheéngatú* e relacionada com outros vocabulos tups, como manguába (a mesma mangába, fructo da *Hancornia speciosa*) e manguára, bastão comprido, vara de madeira fina e resistente (corruptela de monguára). Vulgarmente, o termo *manguara* serve até de alcunha para homem magro e muito alto, no linguajar dos *caipiras*.

15 — *Minhóca* — Brasileirismo de origem indigena, designando entre os Tups o "verme arrancado ou extrahido do chão" (*minhoc*, ou *mi-nhog*); e a lenda autochtonica do minhocão ou minhocussu' (a decantada *anteus gigas*) é puramente brasilica.

16 — *Mocoló* — Tambem não é "africanismo" e sim "brasilismo" de incontestavel procedencia indigena, pois que, da expressão tupy *mbó-coló* (as "mãos oscillantes ou desarticuladas") proveio o termo, sendo vulgar, em linguagem brasileira, a expressão "mocoló-de-boi", equivalente a esta: mão-de-vacca.

17 — *Murundú* — Este vocabulo é reputado indigena e não africano. Corruptela prosodica da expressão tupy *mó-r-undu*, designa



o cône ou montículo de terra, o monturo levantado no terreno, para servir de "aviso", marco ou testemunho material, nas divisões e demarcações de propriedades ruraes, como é de uso, em Minas, Rio, Goyaz, São Paulo. As variantes graphicas e prosódicas são: *morundum*, *murundú* e *murundum*.

18 — *Papagálo* — Os léxicos assignalam o nome como "orientalismo", derivado do arabe e introduzido pelos Mouros Sarracenos, na Peninsula Iberica. Embora existam muitos "americanismos" approximados á voz arábica (da pretensa fórma arabizada *babagá*, liraram os portuguezes *papagálo*), é certo que *agerú* e *ajerú*, simplificados em *gerú*, *glrú* e *jurú*, designavata para os tupys esta ave palradora.

As vozes indigenas *papaná*, *papary* e outras nada têm que vêr com o nome exótico *papagálo*, que tambem não nos veio directamente do continente negro e sim trazido para cá pelos reinões de Portugal, onde já estava o nome *Papagálo* introduzido na linguagem seiscentista.

19 — *Pito* — O "brasileirismo" *pito*, equivalente ao "caximbo" dos africanos, está relacionando com a voz tupy, que designa o vegetal cuja folha "curada" serve ao preparo do "fumo-de-pitar"; e, assim, do nosso *pelum*, *petym* ou *plum* (fórmulas tupys equivalentes e que correspondem ao "americanismo" *tabáco* ou *tabágo*, de origem antilhana), provieram as palavras derivadas para a linguagem brasileira: *pítar*, *pitéira*, *pito*, *pitóca*, além dos compostos, alguns hybridos, como "pito-de-caximbo", *pito-de-palha*, *piteira-de-ambar*, "piteira-de-cigarro", "piteira-de-côco", etc

20 — *Samburá* — Toda gente conhece o pequeno cesto de tampa e trançado com *cipó* ou *laquára* fina e flexível, parecendo um baláio pequenino, feito com arte, no interior do Brasil; e até muitas donas de casa não dispensam o "samburá-de-costuras", aqui em Minas, em cujo territorio ainda existe o rio *Samburá* (no municipio de Bambuhy). Nas praias do Norte do Brasil, o pescador de mariscos conduz ao mercado proximo o "samburá-de-caranguejos" ou o "samburá-de-sirys". Enquanto o nome de "baláio" é de pura origem africana, já o nosso pequeno cêsto indigena proveio da voz tupy *samurá*, alterada prosodicamente em *samburá*. Gabriel Soares, grande conhecedor de cousas primitivas do Brasil (seculo XVI), dizia que o gentio bahiano denominava *samurá* a esse "cêsto cerrado, feito de verga delgada", e nada tem que vêr tal nome com outra voz indigena, quasi homonyma: *samborá* (do tupi *ça-borá-á*), que designa certa massa amarella accumulada pelas abêlhas, nas células da colmêia, onde a transformam depois no delicioso mel. O cêsto *Samburá*, de hoje, era o primitivo *Samurá* dos Tupinambás do Reconcavo bahiano, conforme o chronista do "Tratado Descriptivo do Brasil em 1587".

21 — *Tambo* — E' um termo hispano-americano, espalhado desde a costa do Pacifico aos paizes Rio-Platenses e ao territorio gaúcho, servindo para designar estábulo dentro das povoações e onde as vacas são ordenhadas á vista do freguez do leite fresco. Um derivado de *tambo* já entrou na composição desta corriqueira expressão, em uso nos centros pastoris: "gado-tambeiro" (o gado manso, domesticado, habituado a vir ao *tambo*).

Não obstante consignar o antigo vernaculo igual voz (*tambo*, significando "cama" ou "leito"), não cremos nem na origem africana, nem na iberica para o "americanismo" *tambo*; e nos baseamos em que no Brasil, Chile, Colombia, Perú, Bolivia, Paraguay, Rio da Prata, ha innumeradas palavras indigenas, quaes sejam: "tambá", *tambacoaré*, "tambacury", "tambahú", "tambaiba", "tambáquaré", "tambaqui", "tambaré", "tambíá", "tamboeira" (tambó-oéra), "tambui", "tambury" — com raizes bem approximadas do citado vocabulo.

22 — *Tutú* — Se esta palavra é de origem africana, com o peculiar significado de — fantasma, duénde, papão, sendo tambem empregada no sentido de chefe ou mandão, prestando-se á composição de expressões correntes na linguagem popular brasileira ("tutú-de-feijão", "tutuncuéba", "tutúcuéra", "tutú-marambá") todavia, será de se assignalar que o nome africano aqui se juntou a alguns termos indigenas, como no hybridismo das ultimas expressões citadas.

23 — *Xafartz* — A graphia usual seguida deste "arabismo", introduzido pelos Mouros na Peninsula Iberica, é chafariz, e assim se escreve no Brasil, para onde os colonos portuguezes trouxeram o vocabulo, que nada tem de africano. Proveio do arabe (*sahri*).

— Rematando estas considerações, que a leitura do excellente ensaio do Dr. Dante De Laytano nos suggerio, aproveitamos o ensejo para agradecer ao jovem e talentoso escriptor gaúcho a sua affectuosa referencia final, em missiva de 20 de Agosto deste anno: "Agora que a these afro está em moda, ninguem poderá vos tirar o titulo de precursor dos estudos africanos entre nós". O precursor não fui; a gloria de tal titulo coube ás figuras de dois sabios: Nina Rodrigues e Tito de Castro, ambos filhos do Norte do Brasil. (\*)

Bello Horizonte, 20-IX-1936.

(\*) O presente estudo do prof. Nelson de Senna foi publicado no "Jornal do Commercio", do Rio de Janeiro (edição de 25 de outubro de 1936), e trouxe esta nota final:

O trabalho mais desenvolvido do Autor, em materia de estudos afro-brasileiros, é o seo "Elucidario de Africanismos", livro á espera de um editor; e é acompanhado de um "Indice alfabético das vozes, palavras e expressões, primitivas e derivadas, que das linguas africanas provieram para o idioma portuguez, falado no Brasil". Neste trabalho foram consumidos trinta annos de pesquisas e estudos.